

II Congresso Histórico Internacional

***AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE***

18 a 20 de outubro de 2017

**ATAS**

CIDADE CONTEMPORÂNEA

2017

## **FICHA TÉCNICA**

### **Título**

II Congresso Histórico Internacional  
As Cidades na História: Sociedade

### **Volume**

II - Cidade Contemporânea

### **Edição**

Câmara Municipal de Guimarães

### **Coordenação técnica**

Antero Ferreira  
Alexandra Marques

### **Fotografia**

Paulo Pacheco

### **Design gráfico**

Maria Alexandre Neves

### **Tiragem**

200 exemplares

### **Data de saída**

Dezembro 2019

### **ISBN (Obra completa)**

978-989-8474-54-4

### **Depósito Legal**

364247/13

### **Execução gráfica**

Diário do Minho

# ÍNDICE

## CIDADE CONTEMPORÂNEA

### CONFERÊNCIAS

pág. 7

The Post-Industrial City: Main Trends in European Urban Growth 1970-2015

*Lars Nilsson*

pág. 27

A cidade do Presente

*Magda Pinheiro*

pág. 35

Portugal sem chão: a importância das políticas públicas e da relação urbano-rural

*Renato Miguel do Carmo*

### COMUNICAÇÕES

pág. 45

Un musée vivant au coeur de Transylvanie: le musée ethnographique de Cluj-Napoca depuis sa fondation jusqu'à nos jours (1922-2017)

*Dana-Maria Rus*

pág. 61

Entre Skopje e Guimarães. História e Utopia nas visões urbanas de Kenzo Tange e Fernando Távora

*Eduardo Fernandes, Ana Pinho Ferreira*

pág. 83

A cidade e os sonhos em Auto de Ilhéus

*Elizângela Gonçalves Pinheiro*

pág. 109

Brasília: A Cidade Moderna na Cidade das Palavras

*Eloísa Pereira Barroso*

pág. 137

La ciudad ideal vs. La crónica urbana

*Jordi Sardà Ferran, Josep Maria Solé Gras, Anna Royo Bareng, Jaume Fabregat González*

pág. 175

Guimarães e a procura constante da modernidade

*Filipe Fontes*

pág. 195

Leituras do passado na cidade do presente: um estudo de educação patrimonial em Guimarães

*Helena Pinto*

pág. 223

El Friso del comercio local

*Pau de Solà-Morales, Jordi Sardà*

pág. 257

Perigosidade radiológica na cidade do presente: a contribuição dos materiais de construção para a dose externa resultante da radiação gama

*P. Pereira, J. Sanjurjo-Sánchez, C. Alves*

pág. 279

Perspetivas Complementares de Valorização do Património em Pedra em Almeida (Distrito da Guarda)

*P. Pereira, L.F. Ramos, A. Freitas, A. Cunha, C. Alves*

pág. 309

Foz do Iguaçu, Brasil: a cidade das migrações

*Pedro M. Staevie*

pág. 329

The Evolution of the “Barcelona Model”: Identity and Urban Regeneration

*Pietro Viscomi*

pág. 347

Brasília Além da Cidade Moderna

*Sérgio Ulisses Jatobá*

pág. 373

A Construção de Cidades de Eventos: O Caso de Gramado (Brasil)

*Yoná da Silva Dalonso, Júlia Maria Lourenço, Paula Cristina Almeida Cadima Remoaldo*

pág. 397

In situ urbanization in China: Processes, contributing factors, and policy implications

*Yu Zhu*

pág. 403

Luanda cidade colonial: A construção de bairros indígenas, 1922 – 1962. “Fomento ou Controlo”?

*Yuri Manuel Francisco Agostinho*

# **A cidade e os sonhos em *Auto de Ilhéus***

**Elizângela Gonçalves Pinheiro**

Universidade do Porto, bolsista de Doutorado Capes-Brasil  
e investigadora colaboradora do Citcem.

[eliangelus@gmail.com](mailto:eliangelus@gmail.com)



## Resumo

*Auto de Ilhéus*, de Adonias Filho, traz como retrato o processo colonizador e de povoamento da cidade brasileira de Ilhéus, no interior da Bahia. O autor traça um paradigma entre o real e o teatral dos acontecimentos do vilarejo. No âmbito factual encontram-se as relações entre Portugal e Brasil num *un passant* dos confrontos da vida burguesa e suas relações sociais entre os povos migratórios para o protetorado. O objetivo nesse artigo é discutir acerca das dicotomias que representam as diferenças entre brancos e tupiniquinis, riqueza e simplicidade, sonho e realidade que suscitam naquela região como processo transformador de um povoado em cidade e a partir dos ruídos do passado faz-se uma vida moderna. Para além disso, na criação do auto, o jornalista e romancista representa, não exatamente como foi, mas de forma mimetizada. A minha hipótese é de que o espaço, a cartografia e a construção social, da antiga “São Jorge dos Ilheos”, serviram para representar o género auto na modernidade.

Palavras-chave: *Auto de Ilhéus*; cidade, sonhos





### **Auto de Ilhéus**

Esse estudo levanta questões sobre a construção da cidade de Ilhéus a partir do livro de Adonias Filho, *O auto de Ilhéus*<sup>1</sup>. Dividido em dez partes, o autor chama cada uma de “Quadro”, para contrapor a cena ou “tomada”, do cinema. Os quadros passam em épocas diferentes sob temas também diferentes, são eles: quadro I: A povoação (1535); quadro II: Os colonos (1553); quadro III: os jesuítas (1565); quadro IV: os sertanistas (1573); quadro V: A Santa Nossa Senhora (1595); quadro VI: Os desbravadores (1845); quadro VII: Os imigrantes (1873); quadro VIII: Os sírios (1908); quadro IX: Os coronéis (1911); quadro X: Dom Eduardo (atual).

Toda a história, desde o primeiro quadro, é dividida com marcação temporal, o primeiro é datado em 1535 sendo o último, o décimo, marcado como “época atual”<sup>2</sup>. A história representa o mundo na Bahia, Brasil, suas riquezas e transformações durante aquele período, retratando a busca pelo ouro e outros minérios. Depois, faz um salto grande sai do século XVI para o XIX, e neste traz o êxito na agricultura, a destacar a monocultura cacaueteira. Assim, dentro da projeção de quadros narrativos, Adonias Filho desnuda um pouquinho do período colonial.

A cidade é traçada na obra a partir do relato e da caracterização dos personagens em relação a um dado momento histórico, de maneira breve os factos vão acontecendo e a cidade vai configurando-se e, depois, transformando-se. Conforme o tempo vai passando os colonos, jesuítas e imigrantes vão chegando, depois, os bandeirantes ou os sertanistas, para apresentar os interesses pelas minas e riquezas. Com a chegada dos coronéis e da riqueza da monocultura do cacauete vem também novos interesses e controlos para a economia e para a vida social de Ilhéus.

<sup>1</sup> Um livro inédito, apesar de ter sido publicado em 1981. Não há publicações críticas sobre ele.

<sup>2</sup> época atual em mil novecentos e tal, uma metáfora de “hoje em dia”, uma artimanha para por o leitor em dúvidas em relação ao tempo.

Adonias Filho faz um amálgama revisitado de uma nova produção literária, transforma em arte as questões da realidade, e o que deveria ser drama, mistura-se com vários gêneros desde as narrativas, relatos, o épico, o histórico. O auto, deixa de ser em verso, para inovar com a prosa, o autor mostra para o leitor que suas experiências de romance servem para inovar, mostrar o outro lado, ou o avesso do auto que ninguém conhecia. À primeira vista, rapidamente, o leitor diz que o folheto não é auto, e que apenas traz no título a palavra de empréstimo do gênero da tradição portuguesa.

Contudo, os conflitos do processo de colonização do Brasil servem de ensinamentos e de educação para revivificar a memória de quem já se esqueceu das festas em volta da fogueira para celebrar o auto, como nascimento; nascimento de uma cidade.

## **A cidade**

A cidade de Ilhéus foi construída num vale entre duas Colinas”, vai configurando-se num lugar resultante de mediações sociais e humanas, com sonhos possíveis e outros que nunca passaram de desejos, como o de tornar-se “a primeira cidade considerável” na colônia.

Adonias Filho reconhece uma cidade prática e real, apropria-se dela e a transforma-a em diálogo literário e artístico. A narrativa sai das páginas do livro de história para alcançar o não lugar geográfico, como se usasse metaforicamente o espaço de Ilhéus<sup>4</sup>.

As primeiras linhas do livro remetem à povoação em 1535 com a esquadra e a descrição pictórica dos acontecimentos. Logo no início, Francisco Romero, nomeado pelo rei como capitão-mor, um oficial das tropas portuguesas que, juntamente, com Jorge Figueiredo Correa, um outro personagem da nobreza portuguesa, fundaram a Capitania de Ilhéus.

### **Quadro I**

#### **A Povoação**

Época:1535

A esquadra de Francisco Romero (três ou cinco caravelas) está ancorada. Oficiais, marinheiros, colonos, soldados, frades e operários portugueses acompanham Francisco Romero que em nome de Jorge de Figueiredo Corrêa, veio fundar a Capitania de São Jorge dos Ilhéus. Índios em redor aos bandos, todos acompanham com enorme curiosidade. Um oficial,

<sup>3</sup> DENIS, Ferdinand (1980: 241). *Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo. Sic.

<sup>4</sup> “26 de Julho de 1534 Jorge de Figueiredo Correia obtém de D. João III a mercê da capitania dos Ilhéus da Baía”. AN/TT, Chancelaria de D. João III, Lv. 10, fl. 70.

a segurar pequeno mastro com bandeira portuguesa, protegido por marinheiros armados, segue ao lado de Francisco Romero. Um grupo de soldados, quando ele se detém, bate os tambores. O oficial, então, entrega-lhe a bandeira. E, no silêncio que sobrevém, assim deixam de bater os tambores, a voz de Francisco Romero, em tom de discurso, se faz ouvir de maneira gritante<sup>5</sup>.

Esse quadro traz não só a fundação como também o nascimento da cidade e toda complexidade da colonização, as tensões superadas, os conflitos entre os povos, a inauguração de uma harmonia aparente entre brancos e índios, a instalação oficial da administração portuguesa; enfim, já nesse quadro, o leitor fica diante dos antagonismos sociais, políticos sucedidos na vida real.

A fábula da cidade de Ilhéus “vem da história” das vivências reais nas esferas “político-econômica, cultural e militar”<sup>6</sup>. E por meio dela encontramos a complexidade do *logos*, um pouco das relações humanas, segundo opressões de pessoas mais fortes, mais ricas, como os bandeirantes, os coroneis em relação a outras mais pobres, os índios, o povo, os colonos. O que “Auto de Ilhéus” faz é, símile ao “Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo”, porque ambos retomam a história da criação, um, a gênese do mundo; o outro, a fundação de uma cidade. Auto da “Criação do Mundo” é uma narrativa encenada da tradição oral portuguesa, ainda hoje encenada em Trás os Montes. A peça serve de manutenção da memória. Este auto retoma a criação do Mundo e do Género Humano segundo o relato do Antigo Testamento”<sup>7</sup>.

Enquanto a Criação mítica do Mundo traz a perspectiva bíblica cristã de Adão e Eva, Adonias Filho não estrutura a história a partir de uma narrativa religiosa, mas sob a categorização dos descobrimentos e da realidade tal como existiu. No entanto, o processo de criação está contida em ambas narrativas, pois a criação de um espaço real traz em si configurações particulares, seja ela o Mundo ou a cidade de Ilheus. Naquele, os homens e o espaço pagam pelo pecado de Adão e Eva, neste a colonização por si só traz seus crescimentos e dissabores. No fim, o que importa é que tanto um quanto o outro cresce, a partir do erro, das dificuldades e dos encontros.

<sup>5</sup> ADONIAS FILHO, (1981:07). sic

<sup>6</sup> BACHELARD A poética dos sonhos

<sup>7</sup> *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*. Edição de David Casimiro (2012). 14

A produção do espaço de Ilhéus é narrada por Adonias Filho com todos os seus antagonismos sociais, o espaço circundante, a terra, a relação do trabalhador com a lavoura, os movimentos sociais daquela região durante e pós colonização. No intróito do texto já vemos a fundação da cidade e o discurso do nascimento a retratar as conquistas, as guerras com os índios e, em seguida, com a catequização feita pelos jesuítas.

No *Auto de Ilheus* vemos claramente a formação de uma cidade que se movimenta, nasce e depois cresce, Henry Lafevre (2011) denomina esse movimento de reprodução e desenvolvimento da sociedade urbana, como lugar onde realizaria as “possibilidades reais” e “virtuais”. O desenvolvimento da cidade acontece como um organismo espacial que se desloca das forças geradas a partir de classes sociais diferentes e muitas vezes opositoras.

No auto, as possibilidades reflexivas são muitas e complexas, pois traz a lume, a partir da perspectiva de Ilhéus, a história da colonização brasileira. A medida que o tempo passa, o leitor vê Ilhéus sendo construída e tendo diferentes classes sociais, formadas pela mistura de vários povos. Cito algumas passagens que elucidam um pouco dessa mistura:

Quadro II/ **Os colonos**/ Época: 1553/“O povo, com índios e portugueses, alguns frades e jesuítas, vê a mulher (portuguesa alta e forte) [...] / **Homem do povo**: Ele esteve em minha casa e comeu da minha farinha. /D. Ana Castro: Ele, quem?/**Homem do povo**: o governador Tomé de Souza”<sup>8</sup>.

Quadro V/ **A Nossa Senhora**/ Época: 1595/ **Cristovão Leal**/(A voz alta.) Os franceses ocupam a Vila dos Ilhéus<sup>9</sup>.

**Vozes**/ (Como em coro.) Catuçadas! Que seja o Catuçadas! [...] É um tipo forte que tem no rosto a mistura da mãe índia e do pai preto<sup>10</sup>.

Quadro VIII/ **Os Sírios**/ Época: 1908/**José Halla**/ (Com o copo erguido, sotaque estrangeiro visível no tom alto.) Brindemos Ilhéus! A nova Terra! [...] Uma mulher gorda e forte, evidentemente grávida, encaminha-se para José Halla e diz: **Mulher**/ Meu filho ser o primeiro a nascer aqui em Ilhéus.<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> FILHO, Adonias (1981:10-11). *Auto de Ilhéus*.

<sup>9</sup> (22)

<sup>10</sup> (23-24)

<sup>11</sup> (36-37)

Apenas alguns exemplos da complexa narrativa que Adonias Filho propõe ao leitor. Num livreto de apenas 48 páginas, temos em mãos possibilidades de interpretação pelo viés da história, ou pela forma, para quem o lê interessa também saber se o texto é realmente um auto ou não.

Tal como a citação acima, a maior parte de narrativa se passa na rua, convulcionando e renovando as condições de vida daquele povo, ao invés de descrever ambientes fechados, que na verdade são poucos. Adonias Filho faz como Lukács (2011:2) que investiga a “interação entre o espírito histórico e a grandeza de literatura que retrata a totalidade da história”. Ambos apresentam a história como “progressiva reconciliação dos indivíduos com a sociedade”.

Além do que “Auto de Ilhéus” inaugura no teatro do gênero auto, a utilização das múltiplas vozes, polifonia a polissemia que ali se estabelecem pelo uso das diferentes personagens da História, diferentes posições sociais, classes e *status quo*. Encontra-se neste auto extensa multiplicidade cultural e diversas identidades, marcadas pela língua, pela herança europeia que vão se apresentando ao longo da narrativa.

### **Ilhéus sob a perspectiva das personagens**

Desde a fundação da cidade já havia habitações e projeções de crescimento para o lugar que se desejava, lugar de prosperidade e vindouro economicamente. O quadro da “povoação” e “os colonos” mostram o nascimento dessa cidade, com as configurações que se estabeleciam ali, de trabalho e de religiosidade, acima de tudo, e a catequização dos jesuítas, e do espaço que territorializava-se<sup>12</sup>.

#### **Quadro IV**

##### **Os sertanistas**

Época: 1573

Um largo, espécie de grande praça, ocupado por pequena multidão, bem constituída de homens, mulheres e crianças. Vinte a trinta homens, armados com arcabuzes, em trajes típicos de sertanistas (bandeirantes), constituem a expedição que no momento deixa a Vila dos Ilhéus. Há inúmeros índios que, com seus arcos e flechas, participam da expedição. As mulheres e as crianças, assim como alguns homens, se despedem dos

<sup>12</sup> Em quatro medidas: 1) com a criação de nova unidade sociocultural mediante a formação de uma unidade étnica; 2) sob a constituição de mecanismos políticos especializados, 3) com redefinição do controle social sobre recursos ambientais; 4) na reelaboração da cultura e da relação com o passado. OLIVEIRA, João Pacheco. “Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais”.

que estão a partir para o sertão, entrando na selva. No centro, bem visível, encontra-se o Ouvidor da Capitania dos Ilhéus, E, a seu lado, integrando um grupo, estão Vasco Rodrigues Caldas, Martim Carvalho e Antônio Dias Adorno, o chefe da expedição. É, quando o Ouvidor começa a falar, as vozes tanto diminuem que o silêncio acaba por ser total<sup>13</sup>.

Nesse quadro IV, o auto faz o retrato de 1573, da expedição dos bandeirantes e da caminhada deles desde o Sudeste até o Nordeste a procura de ouro e pedras preciosas, um movimento que, também, ilustra a violência. É importante trazer as marcações do texto como os “Há inúmeros índios que, com seus arcos e flechas, participam da expedição”, denotando que os nativos já haviam sido dominados e estavam a ajudar com os interesses dos homens brancos.

Uma outra questão a analisar é a inserção dos novos personagens saídos das histórias como “Vasco Rodrigues Caldas, Martim Carvalho e Antônio Dias Adorno, o chefe da expedição<sup>14</sup>”. Eles foram bandeirantes importantes para o contexto histórico, sobretudo Martim Carvalho que em 1567 comandou uma expedição, mas que falhou, com 60 homens a percorrer 220 léguas em oito meses. No entanto, quando Antônio Dias Adorno volta ao lugar encontra algumas pistas de minas, sem encontrar pedras preciosas, de qualquer forma encontrou metais, minérios de ferro, cobre e estanho.

Após Sebastião Fernandes Tourinho as pepitas de esmeraldas, ao norte de Minas Gerais, foram gradativamente descobertas, por volta de 1573, depois disso, o governador incumbiu Antônio Dias Adorno para voltar a sua atenção para aquela região.

Esse quadro traz a a memória dos sertanistas e um pouco da trajetória dos bandeirantes. Esses foram, principalmente, homens que chegaram armados com arcabuzes para enfrentarem os índios, com arcos e flechas no sertão do Brasil. O sertão inspirava ao imigrante a possibilidade de enriquecimento a partir de riquezas naturais, sobretudo o ouro.

Dom Vasco Rodrigues Caldas, o outro personagem citado na obra, realizou em 1561, com autorização do Governador Mem de Sá, uma busca de ouro no vale do Paraguai, contudo foi atacado pelos Tupinaés. Além de ouvidor, ele pertencia a elite portuguesa, conseqüentemente nomeado, também, pelo Governador para compor o séquito que continuaria a cidade de Ilhéus.

<sup>13</sup> Idem (18).

<sup>14</sup> Ibidem.

Não há interesse aqui em recompor todos as personagens da História da Colonização brasileira contidas no auto, pois esta investigação intenta suscitar algumas querelas acerca do gênero e sua forma a partir de questionamentos como: há rompimento com o passado da tradição dos autos Ibéricos ou, apenas, o “Auto de Ilhéus” inova a partir do que já se fazia? Ou esta obra não é um auto, apenas traz a palavra no título? Responder-se-á essas indagações no decorrer do texto.

De qualquer modo, as personagens em todos os quadros são referências das pessoas que saíram de Portugal e mudaram-se para o Brasil, geralmente eram da nobreza ou nomeados a cargos administrativos; pois, Ilhéus foi uma das cidades que atraiu pelas possibilidades de se fazer riqueza rápida ou, no caso dos jesuítas, era ideal para a catequização, logo era um lugar propício para expansão da religião católica.

### **O ouvidor**

(*Intervindo, voz alta.*) Todos os que agora estão deixando Ilhéus, todos os que aceitaram o convite de António Dias Adorno para integrar a expedição, todos foram alertados sobre os riscos e perigos. E, novamente alertando-os, digo que a expedição é mais que uma ventura porque é de fato uma guerra. (Pausa.) E, embora Vasco Rodrigues Caldas voltasse com a metade da expedição, porque a outra metade ficou morta na selva, o seu feito não foi menor que o de Martim Carvalho. Jamais se esquecerá a retirada, com todos os homens feridos, a trilha de sangue no recuo de setenta léguas [...]

### **Vasco Rodrigues Caldas**

(A voz alta.) No dia que partimos, naquele 1562, Ilhéus estava em festa. A mesma festa que nove anos atrás, se fizera a Francisco Bruza Spinoza quando chefiou a primeira expedição que saiu de Ilhéus. Lembro-me do Padre jesuíta Aspiculteria Navarro, ainda muito moço, que participou da expedição. (Pausa) Ao organizador a minha expedição, porém, Francisco Bruza Spinoza já estava morto. E não houve ninguém para mim aconselhar<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> Idem (20).



No livro, o Ouvidor intervem com voz alta ou muito alta, enquanto os diálogos ficam para Vasco Caldas Rodrigues e Martim Carvalho, a ilustrar acerca dos factos históricos, das expedições; da ida e vinda das pessoas, um transito muito comum nesse processo. Francisco Bruza Spinoza, “Um expediente explorador das minas espanholas do Novo Mundo, acompanhado pelo jesuíta Aspicuelta Navarro” em “1554, parte em direção ao Vale do Jequitinhonha”<sup>16</sup>, mais precisamente, entre o rio Doce e o Jequitinhonha. Spinoza foi um castelhano desbravador do sertão da Bahia que caminhou em direção à caça das esmeraldas.

O aspeto histórico da “província dos Ilhéus” não se perde no texto, ao contrário ganha força discursiva dentro dos aspetos verossímeis, sob a explicação de que a célula dramática principal é a questão da conquista da terra e de suas riquezas. O *Auto de Ilhéus* explicita a época áurea e, depois, o acentuado declínio da cidade e da região. Desde o aspeto físico à povoação, a narrativa é comprometida com a forma e a estrutura que se quer organizar em torno dos autos. Não como mera repetição, mas como algo que inventa e rompe com a tradição de mais de meio século de autos, seja pela simbiose da narrativa, seja pelos elementos teatrais.

A simetria que este auto faz com a narrativa mítica da criação do Mundo faz pode ser engrandecedor, principalmente pelo paralelismo acerca da temática da criação. Ambos, “Auto da Criação do Mundo” e “Auto de Ilhéus” confrontam aos aspetos textuais com as narrativas reais ou metafísicas, religiosas; uma verossímil ao mito da génese bíblica, o outro ao do descobrimento de um país. Contudo, o interesse neste trabalho é mostrar que em qualquer processo de criação há pontos de partidas e desenvolvimentos naturais, imanescentes ao engenho na arte de conceber algo. A perspetiva cristã e a realidade dos fatos podem ser opositoras, mas na forma e no método assemelham-se por retratarem a origem das “coisas” ou de um lugar: “ E disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro”<sup>17</sup>.

Em oposição à narrativa bíblica, a narrativa histórica não é criada num desejo de sonho e de magia. Ao contrário, a caracterização do espaço requer muito tempo e labor. No auto, a chegada dos imigrantes, as diferentes classes, gentes e profissões sugerem a confusão inicial que se estabeleceu no povoado. Nesse momento, inserem o leitor no mesmo tempo

<sup>16</sup> *História das Bandeiras Paulistas* (1975, pág. 13-17). São Paulo: Melhoramentos. sic

<sup>17</sup> Génesis 1: 3-6.

e espaço dos factos. A luta pelo direito à cidade, coloca o público diante do cotidiano, como produto de factos históricos, é construído como resultado de um processo de transformação, de conquistas ou de resistências.

### **Padre Francisco Pires**

(*Voz alta.*) Vieram para evitar que os colonos escravizassem os índios. Até hoje, senhor Governador, e por causa desta maldita escravidão, estamos em conflito com os colonos de Ilhéus. E o senhor com a sua autoridade, podia interferir para evitar semelhante crime contra os índios. E, por serem pagãos não quer dizer que não sejam nossos irmãos em Jesus Cristo.

### **Mem de Sá**

(*com autoridade.*) É verdade, é verdade! Mas, para evitar isso, para proteger definitivamente os índios, é que cada vez mais chegam negros da África.  
(*Pausa.*)

Em se tratando de complexidades políticas e de lutas de classes, há a “presença indígena, e africana, que *territorializavam, des-territorializava e re-territorializavam*<sup>18</sup> a colônia”. No auto há a noção implícita de territorializar. Adonias Filho soube captar e mimetizar essas questões territoriais de maneira muito sutil e literária, primeiro, a chegada no novo mundo, e com ela a intervenção administrativa, depois, a colônia. Dentro da colônia, Ilheus que, gradativamente, vai ganhando autonomia com o passar dos tempos.

Adonias Filho faz um salto na narrativa, sai do século XVI para o XIX e depois vai para o século XX. O salto é proposital, para mostrar como o país cresceu e se formou culturalmente. *Auto de Ilhéus* sob a perspectiva da cidade mostra ao leitor um pouco da transformação vivida pelo Brasil. O espaço, a terra são os principais fatores de todo o movimento de conquistas. A agricultura tem papel fundamental nessas transformações sociais, como se vê abaixo, um exemplo do resultado das boas lavouras.

---

<sup>18</sup> OLVEIRA, João Pacheco de. Diante da concepção de território como sistema regulador das relações entre seus membros, tendo intervenções política-administrativas para distinguir as formas de governo, presentes no período colonial.

**Quadro VII**  
**Os Imigrantes**  
Época: 1873

Casas de campo bem-constuídas, embora em desordem, na colônia de alemães do rio Cachoeira. É mais um agrupamento rural, com plantações de bananeiras entre as casas, que urbano. Crianças, algumas morenas, de cabelos pretos, já brasileiras. Mulheres louras, evidentemente alemãs ou filhas de alemãs, de pé, conversando em tom baixo. Um homem (quarenta anos de idade, ares de viajante, com pequena maleta na mão) delas se aproxima. É Nascentes de Azambuja, comissário do Governo Federal incumbido de examinar as colônias estrangeiras no sul da Bahia. As mulheres o vêem chegar com curiosidade<sup>19</sup>.

96 Nesse ambiente, os imigrantes recebem Nascentes de Azambuja, um comissário do Governo Federal, num período em que o Brasil ainda era criança no processo de independência, porém, já apontava laivos de soberania. Eis que o comissário foi visitar a colônia de imigrantes no sul da Bahia para enviar um relatório ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Lá, a colônia de alemães era a mais importante tanto em número de população, quanto em produção, de cento e sessenta, inicialmente, passaram para quatrocentos e cinquenta imigrantes em um ano depois; nessa colônia plantavam “algodão, fumo e café” e, mais tarde, “cacau”<sup>20</sup>.

No início de sua saga no sul da Bahia, o cacau foi introduzido no litoral. Canavieiras (à época fazendo parte do município de Ilhéus) foi a primeira área a cultivá-lo, em 1746, porém, foi a atual área do município de Ilhéus que se constituiu como ponto focal da região cacauera. Mais tarde, a cultura expandiu-se para o interior, numa corrida de disputa pelas melhores terras. Dessa forma, diversas cidades surgiram em função dessa cultura, desviando sua atenção da cidade de Ilhéus, que se constituía na capital do cacau<sup>21</sup>.

No início, Ilhéus apresentava “forte presença indígena e tinha um horizonte agrário constituído por lavouras de cana, mandioca, arroz e pela extração de madeira; e outra, construída sobre a monocultura do cacau”<sup>22</sup>. E mais tarde seria “Terras do Cacau”, “com

<sup>19</sup> ADONIAS FILHO, (1981:31).

<sup>20</sup> Idem (34).

<sup>21</sup> ROCHA, Lurdes Bertol (2011: 21). “O cacau na literatura regional do sul da Bahia: ícone de diferenças socioespaciais”. *Geograficidades*. vol 01, n. 01, Revista Inverno. Acesso: <[http://www.uff.br/posarq/images/stories/Revista/Inverno\\_de\\_2011/Artigos/Cacau\\_na\\_literatura\\_Geograficidades\\_v1n1\\_Setembro2011.pdf](http://www.uff.br/posarq/images/stories/Revista/Inverno_de_2011/Artigos/Cacau_na_literatura_Geograficidades_v1n1_Setembro2011.pdf)>

<sup>22</sup> DIAS, Marcelo Henrique; CARRARA, Ângelo Alves (Orgs.) (2007). *Um lugar na História: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau*. p16

a implantação cacauieira entre 1890 e 1940, a lavoura e o comércio se confundem com a produção cultural dessa região. “A região, hoje denominada “microrregião Ilhéus-Itabuna” vivenciou uma fase de prosperidade sem precedentes, que se estendeu da segunda metade da década de 1970 até meados da década de 1980<sup>23</sup>”.

**Quadro IV**  
**Os Sertanistas**

Época: 1573

Um largo, espécie de grande praça, ocupado por pequena multidão constituída de homens, mulhere e crianças. Vinte a trinta homens, armados com arcabuzes, em trajes típicos de sertanistas (bandeirantes), constituem a expedição que no momento deixa a Vila dos Ilhéus. Há inúmeros índios que, com seus arcos e flechas, participaram da expedição. As mulheres e as crianças, assim como alguns homens, se despedem dos que estão a partir para o sertão, entrando na selva. No centro, bem visível, encontram-se o Ouvidor, estão Vasco Rodrigues Caldas, Martim Carvalho e António Dias Adorno, o chefe da expedição. E, quando o Ouvidor começa a falar, as vozes tanto diminuem que o silêncio acaba por ser total<sup>24</sup>.

Houve diferentes práticas da Coroa Portuguesa no intuito de construir uma soberania em relação ao território conquistado, como exemplo os “empreendimentos de rentabilização agrícola, como o caso das possessões insulares do Atlântico e da América portuguesa”<sup>25</sup>.

Outro importante motivo foi o facto das antigas capitânicas de Ilhéus, cito Porto Seguro e Espírito Santo, terem sido importantes na “zona de expansão” para a Coroa, uma vez que eram “subordinadas administrativamente à capitania da Bahia durante o período pombalino”, isso explica o porquê das “diretrizes”<sup>26</sup> do projeto terem sido as acções de Portugal para a materialização prática na formação das vilas e cidades brasileiras.

A cidade vai formando-se homem a homem, tijolo a tijolo, sai lentamente da cartografia para ganhar a complexidade simbólica do imaginário, deixa de ser um sonho para tornar-se a realidade objetiva. No início era mais uma vila colaborativa com a política pombalina,

<sup>23</sup> ROCHA (2011:21-22).

<sup>24</sup> ADONIAS FILHO (1981:18).

<sup>25</sup> ADAN, Caio F. F. (2009). p.26

<sup>26</sup> *Ibidem*

importante para o desenvolvimento da Coroa portuguesa. Formada em 1536 como “Vila de São Jorge dos Ilhéus” e mais tarde como cidade de “Ilhéus” em 1881.

Em toda a narrativa, Adonias Filho avança para a descrição pormenorizada dos colonos, representa sobretudo ambientes como a “feira livre”, a rua, o porto, a receber pessoas das expedições ou das missões, sob a perspectiva de personagens como os frades jesuítas ou pessoas da nobreza, como Dna. Ana de Ataíde Castro com seu séquito. “É D. Ana de Ataíde Castro, grande proprietária de terras, figura importante na vila. E tanto fala com energia aos que a escutam, visivelmente exaltada, que os ruídos da feira vão diminuindo, até ficar silêncio total e restar “tão-somente a sua voz”<sup>27</sup>.

O Autor cria os personagens a partir da vida real, quase como se fossem dos livros de história, a construir uma atmosfera da geografia da cidade de Ilhéus. Personagens variados, desde pessoas da nobreza ou de altos cargos como o próprio governador, ou homens, mulheres e crianças do povo, escravos, cativos e colonos.

### **Mem de Sá**

(*Com autoridade.*) É verdade, é verdade! Mas para evitar isso, para proteger definitivamente os índios, é que cada vez mais chegaram negros da África. O que quero, porém, e como já disse é que o Padre Baltazar Álvares me acompanhe, amanhã, na incursão que faremos à selva. Ele é indispensável porque, falando a língua dos índios, poderá evitar muita luta e muitas mortes (Idem:16-17).

Há, no auto, o duplo movimento de aproximação e afastamento que remete ao trágico, de um lado, com o resgate da vida; do outro, a consciência da forma lúcida, clara, um auto totalmente moderno, misto e espelho da dialética entre vida e arte, autonomia e rigidez materialista oriunda do processo de construção de Ilhéus.

### **Os sonhos**

Nesse ambiente, a dialética entre tempo e espaço no *Auto de Ilhéus* dissolve-se no pensamento criativo, assim como a arte e a cultura, numa espécie de “realidade objetiva”<sup>28</sup>, em que a essência dos factos consiste na fotografia da cidade em várias épocas do período

<sup>27</sup> FILHO, Adonias (1981). *Auto de Ilhéus*. p. 10

<sup>28</sup> BACHELARD, Gaston (2015)

colonial e pós colonial. A narrativa agrega o imaginário como síntese daquilo que a arte tem de responsabilidade, isto é, de coabitar num mesmo tempo e espaço, a materialidade da vida real e os efeitos de verossimilhanças, seus questionamentos diante da grandiosidade da existência humana. O Auto relata homens que ocupam lugares e que lutam com sua força de trabalho para a sua sobrevivência.

### **Os coronéis**

Época: 1911

Pátio de estação de Estrada de ferro. Inaugura-se a linha férrea que estabelece o tráfego entre Ilhéus e Itabuna. Pequena multidão em trajes domingueiros. A solenidade, que antecede a viagem inaugural, é presidida pelo coronel Antônio Pessoa que representa o Governo do Estado da Bahia. A seu lado, além de Bento Berilo de Oliveira (constructor da ferrovia) e de inúmeras autoridades municipais, estão os coronéis Domingues Fernandes da Silva, Misael Tavares, Henrique Alves Ramiro Castro e Henrique Cardoso. É uma solenidade festiva e, logo após o pipocar de foguetes, sincronizado com apitos da locomotiva, ouve-se a palavra do Coronel Antônio Pessoa<sup>29</sup>.

No quadro IX da obra, o leitor encontra uma cidade definida, porém com seus antagonismos naturais formados pelas diferenças sociais entre os coronéis a decidirem o destino da cidade e os agricultores lutando pela sobrevivência. O diálogo revela o momento que se deseja fazer “o porto, aliado à ferrovia inaugurada na solenidade, representava na imagem do progresso, uma ferramenta de fortalecimento político e econômico para a região de Ilhéus”<sup>30</sup>. Nele, vemos o retrato do crescimento da elite do cacau, cito a imigração da aristocracia portuguesa e a crescente formação de uma classe que se instalava no Brasil e se estruturava para compor o que seria no século XX “os novos ricos”<sup>31</sup>.

A cultura daquele espaço vai se transformando e representando o novo povo e suas tensões diléticas homem versus animal, da vida versus a morte. O homem que luta por suas conquistas sem se preocupar com a morte da natureza, com a morte de outros homens para apaziguar-se nas minas encontradas, para fazer fortunas; assim, o lugar natural morre

<sup>29</sup> FILHO, Adonias (1981:41).

<sup>30</sup> DANTAS, André Fontes (2015:08). A baía do Pontal de Ilhéus: Um estudo sobre a ascensão e o declínio do Porto Flúvio-Marítimo de Ilhéus (1911 - 1942). XXVIII Simpósio Nacional de História.

<sup>31</sup> DANTAS (2015:10).

lentamente para ceder lugar a nova cidade que nasce. Uma cidade composta por esferas das trocas culturais ocorridas no processo de contacto, trocas entre povos tão distintos, entre índios, de um lado e, do outro, os europeus. Contudo, cada um tomado como “autónomo e incontaminado”<sup>32</sup> dentro de sua cultura e de suas crenças.

A iniciar com a história de transformação da cidade que passou por invasão francesa em 1535 e, mais tarde, conquistou, durante todo o processo de formação do porto, a consolidação de um sítio que exportaria cacau e que seria reconhecido e desejado. A imaginação e seus “sistemas significativos” estabelecem relações com o real de modo a traduzir múltiplos e possíveis conceitos entre homem e natureza, ou pensamento e natureza humana. De maneira que a significação de tudo isso entra numa espécie de ‘método válido’<sup>33</sup>, a decodificar e a entender a vida em si, numa tendência explicativa para aquilo que foge da compreensão humana ou para aquilo que o homem simplesmente não aceita conforme a sua cultura contextualizada.

Assim, a imaginação onírica e a imaginação poética podem ser conferidas, sendo a poesia um “sonho de domínio do mythos”, uma espécie de jogo da dominação e de ambiguidade, o limiar do desejo sonhador situado entre o limite do real e o da fantasia<sup>34</sup>. A mescla do passado, ou a continuação do passado no presente da cidade de Ilhéus em pleno século XX, com todos os seus desenvolvimentos sociais e políticos, a concessão e a autorização do porto de Ilhéus, desejado e executado pelo engenheiro Bento Berillo de Oliveira, como também a atração para as “companhias industriais e suas instalações em 1918<sup>35</sup>”. Esses mesmos desbravadores trouxeram conquistas e Adonias Filho *en passant* desfila um pouco do que foi o processo civilizatório brasileiro.

Os efeitos dialéticos dessa relação de colonização, dentro da imaginação volitiva de conquistas e expansões não cessaram, pois há mais de quinhentos anos se discute diversos caminhos e, ainda assim, até hoje existe imenso material fenomenológico a ser considerado. Logo, o tema da colonização parece eternizar-se diante da ideia cronológica de tempo.

A memória ancestral, a hereditariedade e toda a sua complexidade devem-se a uma fonte inesgotável de pesquisas e respostas sobre o género auto, tais como o legado anchietano de catequizar pelos autos. Tal como Lopes Vieira e Carolina Michaëlis Vasconcellos<sup>36</sup>, em seus conjuntos de actividades culturais relacionadas a Gil Vicente em 1914, revigoram

---

<sup>32</sup> Idem

<sup>33</sup> DURRAND, G. (1998). *Campos do Imaginário*. Textos reunidos por Danièle Chauvin. Lisboa: Instituto Piaget. (145)

<sup>34</sup> BACHELARD (2013).

<sup>35</sup> DANTAS (2015:08).

<sup>36</sup> A Campanha de Vasconcellos a indagar as "Palavras" (29 de Abril de 1911).

nos estudos e na categorização do estilo vicentino. O percurso dos autos no Brasil, com Anchieta, faz o retorno ao início, ao passado vicentino e, depois com Martins Pena a retratar a comédia dentro do teatro e a fazer peças de costumes, muito à Gil Vicente na perspectiva dos autos. No Modernismo, na geração de 45 com João Cabral de Melo Neto, depois Ariano Suassuna e Adonias Filho. Todos esses autores fundem, de alguma maneira, elementos que retomam a educação e a trajetória dos autos na sociedade.

Em *Auto de Ilhéus* vimos a representação das forças opositoras, a memória coletiva dos desbravadores e do progresso que isso representou para ambas partes. Neste auto o tema da construção e do povoamento da cidade de Ilhéus abarca levemente essa dicotomia oriunda do século do XVI no Brasil, pois o propósito é ficar mais próximo da educação histórica abrandada do que problematizar e diluir uma ideologia, já que na tradição dos autos a moral é trazida por uma didática *castigat ridendus moris*, ou seja, a leveza dos aspetos, além do que Adonias Filhos sequer trabalha o cômico.

Nessa perspectiva dual de transformação, muitas dessas respostas e acomodamentos dos factos históricos em si podem ser assentados no teatro do século XX. Neste século, o interesse e a busca por explicações, adicionados ao fator vontade de romper com o passado que o teatro, sobretudo, abriga, responde ou “educa a sociedade” a partir de modelos tirados da vida real.

A cidade real de Ilhéus não é como a que foi desejada, sonhada, tão pouco a cidade do presente não é como a vila inicial do processo criativo. Contudo, essa cidade vem como lembrança daquele passado que ainda vive, das construções que ainda mantêm muito da arquitetura inaugural; a cultura também traz muito da tradição dos povos que lá estiveram. “É preciso dizer então como habitamos nosso espaço em meio a tantas tensões, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’<sup>37</sup>”. Adonias Filho em *Auto de Ilhéus* diz como a cidade de Ilhéus foi paulatinamente habitada e transformada.

### **Cristovão Leal**

Temos que eleger um chefe. Sim, já que o Capitão-Mor fugiu, temos que eleger um chefe. (*Pausa*) E acho que deva ser eleito o melhor e o mais bravo de todos nós.

### **Vozes**

(*Desencontradas.*) Quem? Quem?

<sup>37</sup> BACHELARD, (2013:200).



### **Cristovão Leal**

O Cataçudas! Ele, sozinho, matou e desarmou mais de dez franceses. E com as próprias mãos!<sup>38</sup>

Os cataçudas são filhos de índios com pretos, por isso justifica-se a força mítica, a característica da valentia, de ser herói. A carga dramática está relacionada com a rendição do mestiço em relação ao poder de Nossa Senhora. “**Cataçudas/** (Alto.) Juro que comandeí sem temer as feridas e a morte. Isto eu juro! Quero avisar, porém que somos muito mais fracos que os hereges. E, por isso, peço para todos nós a proteção da Santa. A Santa Nossa Senhora”!<sup>39</sup>

Os cataçudas, dentro da obra são a representação dos mestiços, os descendentes de negros com índios, que na narrativa se não fossem convertidos ao catolicismo sentiriam-se fracos. A fraqueza deles seria maior do que a dos próprios hereges. Essa fala na voz do personagem torna-se uma metáfora da crença católica, o poder de superioridade que a igreja estabelecia naquele povo, diante do discurso de inferiorização do mestiço local.

### **A (anti) síntese**

O auto inova na extensão da narrativa, não aprofunda nos factos, explicita questões decorrentes de cinco séculos de existência da cidade de Ilhéus e do colonialismo brasileiro. Adonias Filho traz poeticidade na inauguração do Auto como uma espécie de relato de viagem, retomando a literatura de informação praticada no período do Brasil Colônia; porém, o género auto e suas materialidades não se perdem diante dessa inovação. Os diálogos estabelecidos com o Romance Histórico, a acção e a interação estabelecido com a forma, o género, como se em seu interior pudesse ser encontrado a épica, os factos que ali aconteceram, o encontro de duas nações diferentes: Portugal e Brasil. Nações que tiveram de se entenderem num determinado momento, ainda que esse entendimento tenha sido imposto, contudo, em um dado instante cessaram as guerras entre si.

O texto não chega a ser dramático<sup>40</sup>, porém, o discurso em prosa dialógica acaba por condensar uma mistura de géneros, desde o teatral (dramático) às narrativas em prosa, resquícios do romance moderno. Ou em relação as categorias teatrais ele poder-se-ia ser classificado como teatro épico, já que se trata de um feito de homens, supostamente

<sup>38</sup> ADONIAS FILHO (1981: 23).

<sup>39</sup> ADONIAS FILHO (24). sic

<sup>40</sup> Dentro daquilo que Brecht categoriza como “empatia por abandono”, a “catarse”, ou seja, não entrega os “heróis ao mundo”. Não há, por conseguinte, o sofrimento aristotélico, mas a acção didática da vida, dos factos, tal como as grandes narrativas épicas (1978: 31).

heróicos, cito a metonímia de personagens criada propositalmente pelo autor como no “Quadro X/ **Dom Eduardo**/ Época atual<sup>41</sup>”.

Adonias Filho interpreta o real circundante numa espécie de casa, espaço onde morou, portanto com muita intimidade por conhecer os fatos representados, contudo com o distanciamento necessário de modo que não haja emoções de ordem estética, porém uma projeção de domínio prático e social. Tanto que o leitor se questiona: o que se passa ali não pode ser o próprio facto histórico?

Em *Auto de Ilhéus*, os efeitos miméticos da Literatura, as pequenas narrativas vão construindo-se lentamente a partir do retrato do longo período de transformação social, intelectual e antropológica. Períodos em que uma cidade esteve submetida para se formar. O leitor observa nas conversas, no barulho, nas diferenças sociais e nas representações de cada um, o espaço em constante mutação. O homem, a terra e os fatos em si são narrados em *Auto de Ilhéus*, de Adonias Filho, como “tratado de povoamento”, a espelhar-se de certa maneira o longo período de colonização, tendo como marcas a tensão entre nativos imigrantes, além de outras manifestações de confrontos como a dos jesuítas com os índios, a dos coronéis com os homens do povo.

Além de actos, encenações educativas e dramáticas, capazes de vivificar a história antiga, os autos são, também, responsáveis por reconstruir e ressignificar o passado luso e brasileiro, seja pelo teor prosaico, seja pela narrativa curta. Pela prosa curta *Auto de Ilhéus* dá um salto grande no género, é seco, duro e não se preocupa com o riso do público, ao contrário, é exigente, deixa ao encargo do leitor muitas questões e factos históricas para que ele possa procurar sozinho informações desde o século XVI, das exposições religiosas até o século XX.

**Quadro VII**  
**Os imigrantes**  
Época: 1845

Interior de tosca e pequena cabana de madeira, coberta de palmas de catolé, em plena selva. Dois tamboretas, fífós de querosene, a trempe que serve de fogão. Peles de animais, onças e raposas, gatos do mato e cobras, penduradas nas paredes. Redes armadas nos cantos. Aramas de fogo, falcões e machados bem visíveis. Mudanças de cacauzeiros em bambus. Dois homens – relativamente moços e fortes, um branco e um negro, metidos em trapos – limpam as repetições. O branco, Severino do Amor

<sup>41</sup> ADONIAS FILHO (45).

Divino, pita um cigarro de fumo em folha de mato seco. O negro, Manuel Constantino, masca o fumo. Estão de pé e aguardam alguém. Severino do Amor Divino corta o silêncio (Adonias, 1981: Filho, 26).

A descrição do cenário, os detalhes do ambiente, o jogo de luzes, a simbologia da arma de fogo em oposição ao homem negro a mascar cigarros, o branco a pitar, o desenho da cabana de madeira com peles de animais dependuradas nas paredes, o tamborete, a rede, as mudas de cacauzeiros em bambus trazem para o Auto a imagem de um quadro no estilo pictórico, realista tal qual os de Almeida Júnior<sup>42</sup>. “O branco Severino de Amor Divino que pita cigarro de fumo em folha de mato seco. O negro Constantino, masca o fumo. Estão de pé e aguardam alguém. Severino do Amor Divino corta o silêncio<sup>43</sup>”. Corta não só o silêncio, mas o fio condutor da narrativa contida nesse auto. A tranquilidade formadora, a sinalizar a oposição com a arma de fogo, o clarão da bala, o sangue quente das mortes, tudo para situar o leitor noutra velocidade, mais moderna e realista.

Quase num tom apoteótico o auto se fecha apresentando a criação do mito em torno do Bispo “Dom Eduardo”<sup>44</sup>, a criação de santos, padres, Bispos ou pessoas comuns que muitas vezes tornam-se santos simplesmente porque morreram; ainda que suas ações na terra não tenham sido voltadas para os pobres e famigerados; Quando morrem, ironicamente, são esses famigerados, “os presos” que cotizam centavo por centavo para comprarem a coroa de flores para ele. A manifestação do sagrado não tem explicação, como também não existe maneira racional diante da crença dos fiés.

As inovações cruciais para o auto são os empréstimos do teatro épico, tal qual as cenas nas ruas de Brecht (1978: 68-69) “Auto de Ilhéus”, demonstra a seu jeito as emoções, o domínio social e a “circunstância da descrição” em relação às suas projeções práticas, reais, tal como aconteceu na vida factual, já que a veracidade dos fatos são incontestáveis. Escuta-se o eco da coletividade nas páginas de Adonias Filho, como se ali ainda gritasse o passado histórico, a corte portuguesa, a nobreza nas figuras de Francisco Romero e Jorge de Figueiredo Corrêa que ali chegaram para contrastar com os índios brasileiros.

E ainda que a crise mundial assolasse o mundo e provocasse perdas e danos, havia algo de genial e de rutura no teatro brasileiro. Adonias Filho, após uma larga experiência com a prosa e com romances, deixa sua marca na terceira geração do Modernismo. Quando escreve o *Auto de Ilhéus* continua o legado de Anchieta. Não como dantes, mas a contestar

<sup>42</sup> Caipira picando fumo. Acedido <<http://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/caipira-picando-fumo-almeida-junior/>>

<sup>43</sup> ADONIAS FILHO (1981:26).

<sup>44</sup> ADONIAS FILHO (1981:45-48).

à sua maneira o mestre e a herança vicentina. Contudo, a mesma velha questão acerca dos autos far-se-á nova, ou vice-versa. Enfim, havemos de perceber inúmeras retomadas do gigante que ainda vive, isto é, o passado, ou os *autos ibéricos*. Adonias Filho, ao fabular o Auto numa experiência gradativa, tal como no romance, confunde o leitor, deixa-o numa dúvida proposital de romancista experiente época atual, podendo ser metáfora de hoje em dia, ou ainda pode estender até os dias de hoje. As rubricas teatrais parecem ser poucas para enquadrar o livreto no género auto.

Os quadros do Auto assemelham-se a capítulos de narrativas. A história comove o leitor numa progressão muito similar ao romance. No entanto, a brevidade dos factos e a leveza da narrativa distanciam-nos da hipótese de ser narrativa ou romance de viagem. O que se passa diante do leitor é a retomada da colonização, escrita como auto, repleto de vozes, de comentários em didascália e, de vozes emblemáticas da polifonia, mediada pelos interesses portugueses, de um lado, e do outro pelos índios, africanos, e tantos outros que mudaram para Ilhéus.

A herança Ibérica, ou melhor, o monumento do teatro português acaba por ser um avatar, uma forma de revelação como luz divina, descida dos céus, mas também, revelação no sentido didático, educativo. O “Auto de Ilhéus” traz o ruído do passado e mostra ao fim, como ele ainda se faz presente, na identidade do povo brasileiro e tal como dantes, análogo ao passado português o auto serve de ensinamento, não com temática religiosa, mas histórica e educativa, símile ao “Auto da criação do Mundo”; este pela catequização pelos valores e dogmas cristãos, aquele pelos valores de nação e de construção de um espaço e de uma identidade de um povo. Ilhéus é apenas uma pequena demonstração da transformação de uma espaço, resultado de um conjunto de relações materiais desejados pelo homem. Tanto que no século XX, Ilhéus é outra cidade, nem moderna e nem grande como desejaram, mas rica, sim, e sedutora à sua maneira.

## Bibliografia

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Editora, 2015

DURRAND, Gilbert. *Campo do Imaginário*. Textos reunidos por Danièle Chauvin. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

KALEWSKA, Anna. *Itinerários*. “Os autos indianistas de José de Anchieta e a iniciação do teatro luso-brasileiro”. Polónia: Edu, 2007. Acedido em < [http://itinerarios.uw.edu.pl/wp-content/uploads/2014/12/09\\_Kalewska.pdf](http://itinerarios.uw.edu.pl/wp-content/uploads/2014/12/09_Kalewska.pdf) > **Vol.6**

LABFREVE, Henri (2011). *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro editora.

GERTZ, Clifford (1989). *A interpretação das culturas*.

MARQUES, A. H. de Oliveira (2015). *Breve história de Portugal*. 9º ed. Lisboa: Editoria Presença.

NORA, Pierre (1984). *Les lieux de mémoire*. France: Gallimard. Vol.I (XIX)

ROCHA, Lurdes Bertol (2011: 21). “O cacau na literatura regional do sul da Bahia: ícone de diferenças socioespaciais”. *Geograficidades*. vol 01, n. 01, Revista Inverno. Acesso: <[http://www.uff.br/posarq/images/stories/Revista/Inverno\\_de\\_2011/Artigos/Cacau\\_na\\_literatura\\_\\_Geograficidades\\_v1n1\\_Setembro2011.pdf](http://www.uff.br/posarq/images/stories/Revista/Inverno_de_2011/Artigos/Cacau_na_literatura__Geograficidades_v1n1_Setembro2011.pdf)>

DIAS, Marcelo Henrique; CARRARA, Ângelo Alves (Orgs.) (2007). *Um lugar na História: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau*. p16